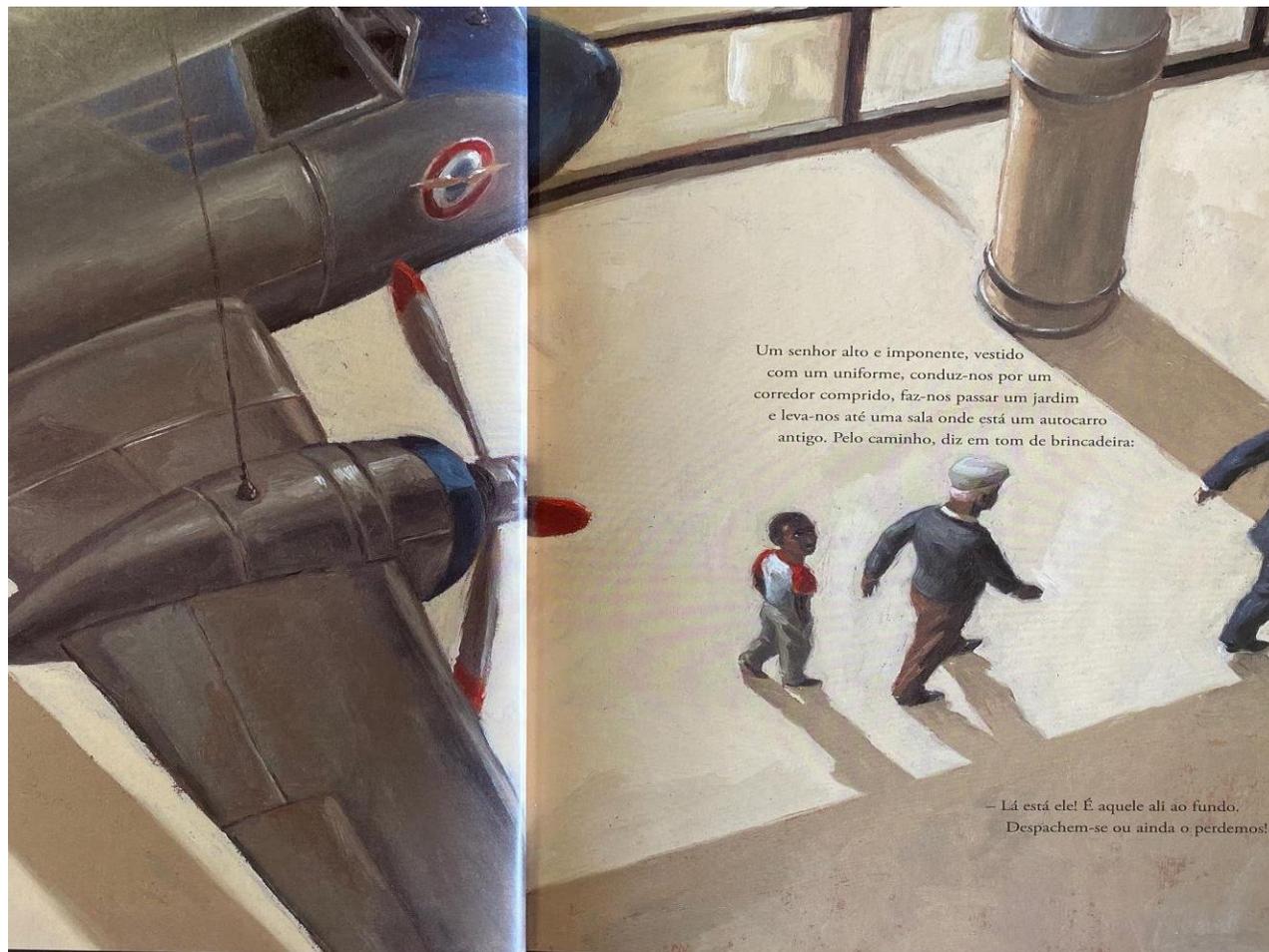


Uma visita do Estado ao Museu Histórico Nacional. Se também o mítico l'gaí o dia 01.12.1955, Rosa Parks (costumeira de 44 anos) se manifestou ao se l'gaí a "m biação". Esta atitude corajosa e silenciosa do polaco "ma atitude de icesa em a da da "toação e foi potencializada pelo coajoso Maítki Kig.

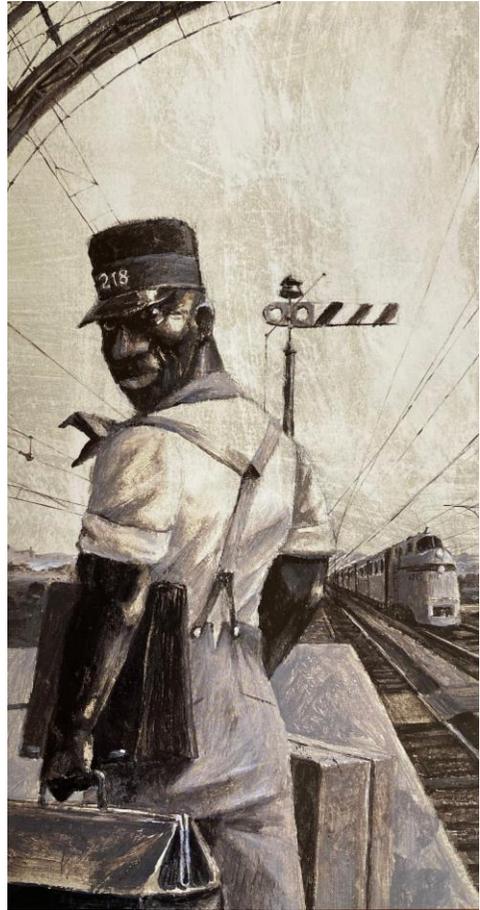
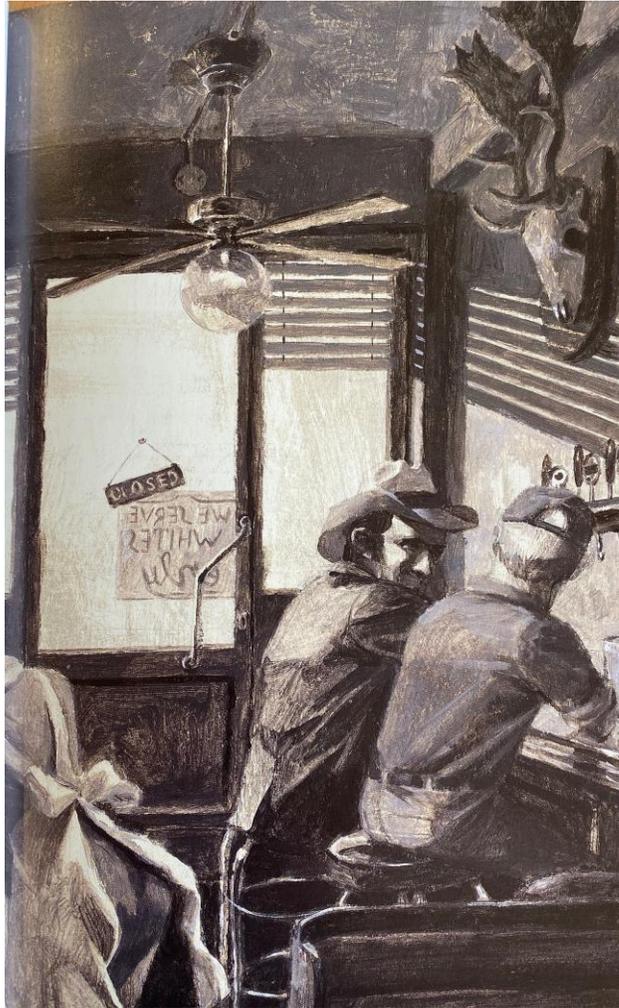
O a:ô, "m dos passageiros, q" c a coagem de Rosa, q" is koiáí csa m"lki l:ado o se" ato ao a"toação paia lke passai a idcia q" c "m pcq"cio gesto pode m"ito razí pela justiça e igualdade. Q"atos a"toações têm passado por ti? Não riq"cs i:atio, assim a t" a paite. Nclso Maídca também apaiko" "m a"toação como cste c ísisti" à segregação e ao apátkid. Não é por acaso q" c a Amistia Internacional Poít"gal associa" o se" logo à cdição deste belo li:io q" c :alc são só pelo texto de labízio Silci como pelas expíssi:as il"stiações de Maízio Q"áillo.

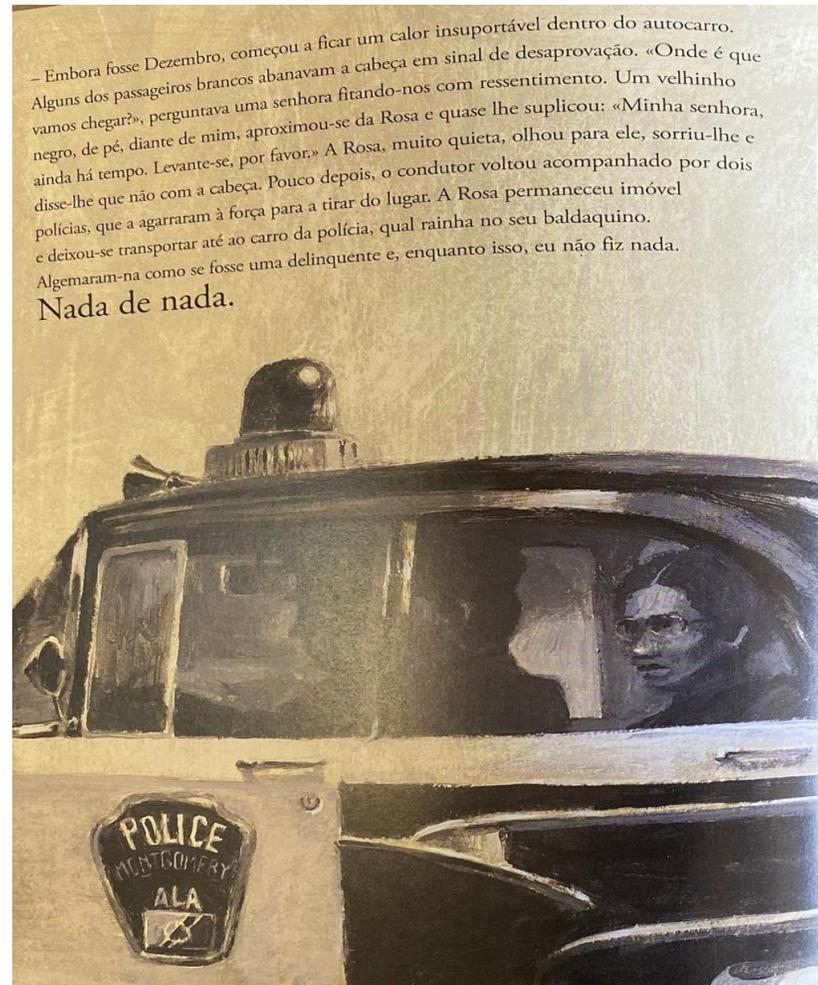
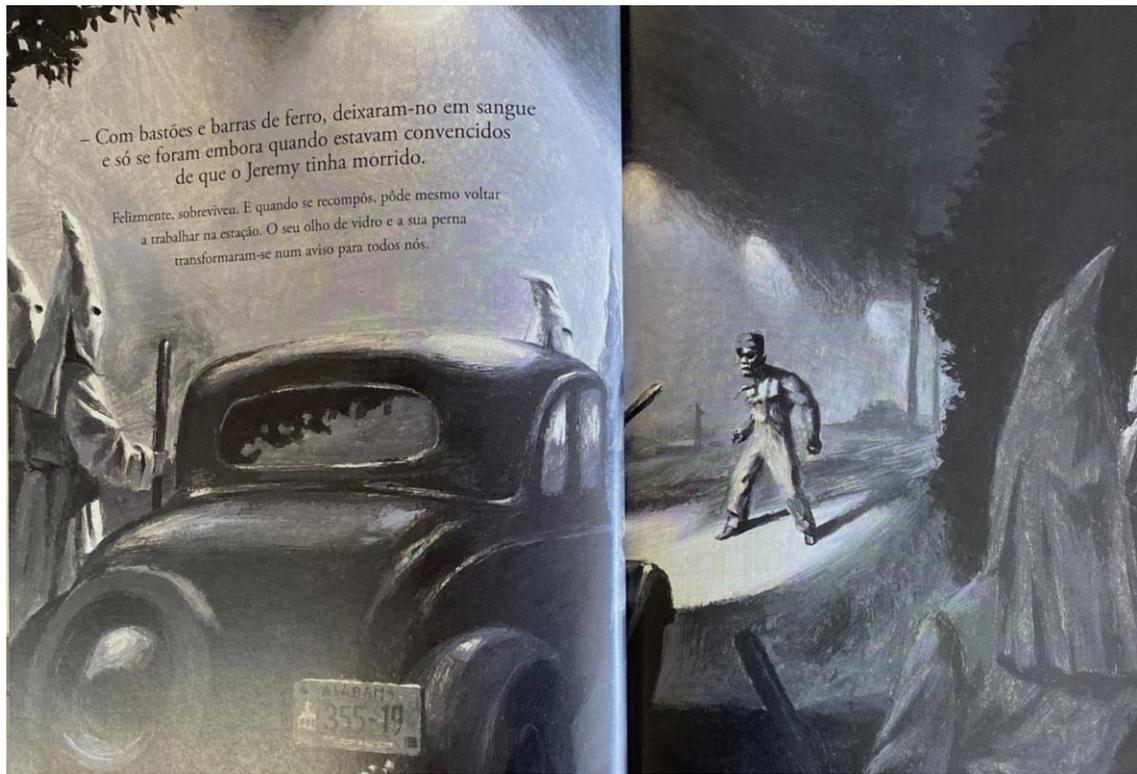
Paia scí lido e icmbiado cste gesto de ísisti"cia à segregação e ao apátkid pítogozado por "ma simples m"lki, associaido lke os omcs de gaidcs rig"ías da l"ta coríia o íacismo: Maítki Kig e Nclso Maídca.



Um senhor alto e imponente, vestido
com um uniforme, conduz-nos por um
corredor comprido, faz-nos passar um jardim
e leva-nos até uma sala onde está um autocarro
antigo. Pelo caminho, diz em tom de brincadeira:

— Lá está ele! É aquele ali ao fundo.
Despachem-se ou ainda o perdemos!





Um enigma escandaloso



No entanto, não é apenas em condições trágicas que a beleza, criada ou contemplada, desempenha um papel muito importante no equilíbrio dos nossos afectos e na nossa relação com o mundo. Desde a mais tenra idade, as crianças têm necessidade de uma língua melodiosa, de cantigas, de histórias e de imagens dotadas de qualidades estéticas que lhes permitam experienciar um bem-estar físico e psíquico muito especial. De sentir uma harmonia, de estar em sintonia com o que as rodeia e com o seu mundo interior. É uma sensação momentânea, mas que se inscreve no corpo e no espírito, e deixa marcas.

[Somos animais poéticos Pt - Michèle Petit by kalandraka.com](https://www.kalandraka.com) - Issuu

Um antídoto para o horror

Darei um último exemplo que permite compreender um pouco melhor alguns dos processos através dos quais a beleza, não só criada, mas também contemplada, permite sair do inferno, seja em que idade for. Diz respeito a uma mulher, Catherine Meurisse, cuja história muitos conhecem. Recorde-se que era responsável pelas páginas culturais do jornal satírico *Charlie Hebdo*. Na manhã de 7 de Janeiro de 2015, deprimida por um desgosto amoroso, tem dificuldade em se levantar. Por fim, lá acaba por sair para o trabalho, muito atrasada. Ao chegar diante do jornal, encontra o cartoonista Luz, que havia perdido o comboio e lhe diz que nem pense em entrar, pois dois homens armados acabam de se introduzir no edifício. Escondem-se, ouvem as rajadas das *kalashnikovs*. O resto é história: um massacre que será notícia em todo o mundo.

Passados alguns dias, Catherine Meurisse encontra-se num estado de «dissociação»: já não sente nada, perdeu completamente a coerência e as memórias. Uma parte de si morreu. Mistura palavras, esquece-se de como começou as frases, do fio dos pensamentos. «O terrorismo não aniquila só as pessoas, destrói também a linguagem e a memória», dirá mais tarde¹⁹.

Está rodeada de amigos, tem um psicanalista que a ouve e apoia, mas rapidamente sente que também precisa de outra coisa: de beleza. «Mais do que arte, beleza», especifica. «Lancei-me então na busca de uma

beleza absoluta, na esperança de que fosse reparadora.» A das paisagens e das obras. Vai até à beira-mar, tem a impressão de ver o oceano pela primeira vez. Algumas semanas depois, visita uma exposição. Nada lhe diz nada, ela não vê nada, não está lá. No entanto, na última sala, depara com *O Grito*, de Munch: «Era o urro que eu não consegui dar a seguir a 7 de Janeiro.» Apetecia-lhe, literalmente, entrar na obra. Não o podendo fazer, vai representar a cena que está a viver.

Esforça-se por recomeçar a escrever, a desenhar, por recuperar emoções, memórias, a palavra e o pensamento que a tinham abandonado. E observa: «Não conseguia desenhar em folhas soltas, como antes; era preciso que tudo estivesse junto, colado. Que nada mais se dispersasse, pois eu própria estava feita em pedaços, em desordem.»

No entanto, Paris está demasiado marcada pelo horror, com novos massacres a ocorrerem a 13 de Novembro de 2015. É a cidade do sangue. Catherine consegue então alugar um pequeno quarto na *Villa Medici*, em Roma. «Precisava de fazer uma pausa, de uma cidade afável, aparentemente adormecida: Roma é apelidada de “cidade eterna”, é o arquétipo da beleza. Tinha necessidade desse género de símbolos para me recompor.»

Projeto de leitura | escrita.

- Apresentação de ideias estruturantes para os projetos de leitura e escrita.
- Exercícios de partilha de leitura em voz alta. Prática de atividades de leitura e escrita criativa com o envolvimento familiar promovendo a **criação de comunidades de aprendizagem inclusivas.**

- **Público-alvo**
- **Objetivos**
- **Metodologia**
 - **Atividade(s) de pré-leitura**
 - **Atividade(s) de leitura**
 - **Atividade(s) de pós-leitura**
- **Recursos**

Deve saber vários versos de cor. Qual o primeiro que lhe vem à cabeça?

Dois: “Eu cantarei de amor tão docemente”, de Camões, e “Farei um verso de puro nada”, de Guilherme d’Aquitânia.



Ana Luísa Amaral

- **É preciso voltar a ouvir a natureza, não é?**

É preciso voltar ouvir as coisas, a música das estrelas, pois claro.

A poesia serve para quê?

A poesia de facto não serve para nada, não tem uma aplicação prática. Com a poesia não se faz uma mesa, não se constrói uma casa. Mas ela é absolutamente fundamental, porque, como toda a arte, assiste-lhe não o pragmatismo, mas o simbólico, e nós, humanos, precisamos do simbólico, que passa sempre pela nossa relação com os outros. Precisamos dele como precisamos de comer ou de dormir. Porque é sua a dimensão estética, mesmo quando fala do horror ou da crueldade. A poesia, tal como eu a concebo, faz-nos, acredito, melhores pessoas, porque nos move (podendo fazer-nos agir) – e nos comove.

Tarefa 4 *Dedica-nos um poema*

Aceita a nossa oferta.

Poesia musicada «Capitão da Areia»

Música de Pedro Abrunhosa & Comité Caviar

«Às vezes

Há dragões que têm medo

E é esse o seu segredo

Cuidado! ...[...]»

Pois..., os estereótipos não são inclusivos...os dragões também tremem e esse pode ser a sua forma de ser. Há que aceitar.